

ORIENTE MÉDIO

Frustração crescente

Na Turquia, população aumenta o tom das críticas ao governo de Erdogan, que admite problemas na resposta ao terremoto. Após 72 horas, cai a probabilidade de encontrar sobreviventes da catástrofe, que também sacudiu a Síria

Passadas mais de 72 horas do potente terremoto que atingiu a Turquia e a vizinha Síria, tornam-se cada vez mais reduzidas as chances de socorristas encontrarem sobreviventes da tragédia, que pode ter matado mais de 20 mil pessoas. Em meio às temperaturas gelidas e dificuldades de estruturas, equipes de resgate e moradores das cidades atingidas corriam contra o tempo. Com a demora da ajuda e a falta de assistência, a população aumentou o tom das cobranças e queixas contra Ancara, reconhecidas, em certa medida, pelo presidente Recep Tayyip Erdogan.

“Claro, há deficiências, é impossível estar preparado para uma catástrofe dessas”, admitiu o presidente durante visita à província de Hatay, uma das mais afetadas, na fronteira com a Síria. O chefe de Estado também procurou defender seu governo de parte dos ataques.

A menos de quatro meses da eleição presidencial, as críticas se dirigem, principalmente, ao chefe de Estado. No poder desde 2003, Erdogan sabe que a resposta à catástrofe será determinante para seu desempenho nas urnas. Em meio à multiplicação das críticas on-line sobre a atuação do governo, o Twitter ficou inacessível nas principais redes de telefonia móvel do país.

“Algumas pessoas desonestas e sem honra publicaram declarações falsas como a de que ‘não vimos soldados, nem policiais em Hatay’”, reclamou, assinalando que 21 mil resgatistas foram mobilizados apenas na província. “Nossos soldados e nossos policiais são gente honrada. Não permitiremos que pessoas pouco recomendáveis falem deles dessa maneira”, asseverou.

Abandono

Entre os escombros de prédios de uma dezena de cidades do sul e do sudeste da Turquia, devastadas pelo terremoto de magnitude 7,8, sobreviventes à espera de auxílio se diziam “abandonados” em meio ao frio. “É muito tarde. Agora esperamos nossos mortos”, lamentou uma mulher que buscava notícias sobre parentes.

“Onde está o Estado? Onde está?”, perguntava, desesperado, Ali, na cidade turca de Kahramanmaras, no epicentro do terremoto. Ele



Homem acompanha trabalho de socorristas para encontrar pessoas vivas sob os escombros de prédio em Kahramanmaras: corrida contra o tempo



Claro, há deficiências, é impossível estar preparado para uma catástrofe dessas”

Recep Tayyip Erdogan,
presidente da Turquia

acompanhava atento as buscas na esperança de encontrar com vida o irmão e o sobrinho presos entre os escombros.

“Não vimos nenhuma distribuição de comida aqui, ao contrário do que houve em desastres locais anteriores. Sobrevivemos ao terremoto, mas vamos morrer de fome ou de frio”, ressaltou Melek, 64 anos, em Antakya. “Onde estão as tendas, os food trucks?”, questionou.

A angústia também dominava a localidade síria de Jindires, em uma área controlada pelos rebeldes. “Há cerca de 400, 500 pessoas presas sob cada edifício, com apenas 10 tentando retirá-las. E não há máquinas”, disse Hassan, morador da região. “São muito mais



Presidente turco visita áreas devastadas pelo tremor: mea-culpa parcial

pessoas sob os escombros do que acima deles”, desabafou.

Isoladas pelo regime de Damasco, as zonas sob controle dos rebeldes dependem dos esforços dos Capacetes Brancos, voluntários da Defesa Civil, que imploram por ajuda à comunidade internacional.

A assistência à Síria é uma questão delicada para vários países ocidentais em razão de sanções internacionais decorrentes da guerra. Até o momento, o país

balanço se aproximava de 3 mil.

Esses números devem dobrar, se os piores cenários previstos pelos especialistas se confirmarem. O diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, alertou que o tempo estava acabando para os milhares de feridos e desamparados entre os escombros.

Num trabalho insano, as equipes de emergência resgataram mais sobreviventes sob as ruínas de edifícios que desabaram dos dois lados da fronteira. Apesar das dificuldades, socorristas e moradores conseguiram salvar, ontem, várias crianças que estavam nos escombros de um imóvel na província turca de Hatay, onde vários municípios desapareceram por completo. “De repente ouvimos vozes. Três pessoas ao mesmo tempo”, disse o socorrista Alperen Cetinkaya.

Em Idlib, na Síria, centenas de pessoas assistiram, emocionadas, ao resgate de um homem e seus três filhos pequenos que estavam nas ruínas de um edifício. Aplausos e gritos se sucediam à medida que cada um era salvo. De cima dos escombros, a multidão gravou toda a cena com celulares.

Brasil envia ajuda

O governo brasileiro enviou, ontem, ajuda humanitária à Turquia para prestar assistência nas buscas por sobreviventes nas regiões atingidas pelo terremoto. Integram a equipe 42 especialistas nesse tipo de operação — incluindo 34 bombeiros de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo —, além de médicos e profissionais de defesa civil. Quatro cães farejadores também vão ajudar na localização de vítimas da tragédia.

Em nota, o Itamaraty informou ainda que enviará seis toneladas de equipamentos para auxiliar nos trabalhos. O Ministério da Saúde doou três “kits calamidade” que contêm, cada um, 250kg de medicamentos e itens emergenciais. Cada um deles tem capacidade para atender até 1,5 mil pessoas durante um mês.

A intenção de colaborar foi anunciada horas após a catástrofe, ainda na segunda-feira. Segundo o Itamaraty, não há notícias de brasileiros mortos ou feridos. “As embaixadas do Brasil em Ancara e Damasco, bem como o consulado-geral do Brasil em Istambul, estão acompanhando os desenvolvimentos na região, em regime de plantão”, assinalou o comunicado.

A missão humanitária é coordenada pelo Ministério das Relações Exteriores em articulação com os ministérios da Defesa, Saúde, Desenvolvimento Regional e Justiça e Segurança Pública e com os demais órgãos federais que trabalham no Grupo de Trabalho Interministerial sobre Cooperação Humanitária Internacional.

Mais de 70 países se mobilizaram para ajudar a Turquia. A assistência à Síria, porém, tem sido mais difícil, principalmente por questões decorrentes da guerra no país. Ontem, a União Europeia (UE) anunciou que vai realizar em março uma conferência internacional de doadores para mobilizar fundos da comunidade internacional em apoio aos dois países.

GUERRA NA UCRÂNIA

Zelensky vai a Londres e Paris pedir armas

A 16 dias de a invasão da Ucrânia pelos russos completar um ano, o presidente Volodymyr Zelensky fez, ontem, um giro rápido pela Europa em busca de mais ajuda para enfrentar as tropas de Vladimir Putin. A primeira escala foi em Londres, onde o líder ucraniano foi recebido, inclusive, pelo rei Charles III, numa evidência de prestígio do visitante. À noite, ele desembarcou em Paris para se reunir com o presidente francês, Emmanuel Macron, e com o chanceler alemão, Olaf Scholz.

Foi a segunda viagem ao exterior de Zelensky desde o início da guerra — a primeira teve como destino Washington para uma conversa com o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden. Nos encontros de ontem, ele reforçou o pedido aos aliados ocidentais para

a entrega de aviões de combate e mais armas pesadas a Kiev.

Zelensky, que participa hoje de uma cúpula da União Europeia (UE), em Bruxelas, passou boa parte do dia na capital britânica. Lá, foi recebido pelo primeiro-ministro Rishi Sunak e visitou o Parlamento, antes de se encontrar com o monarca.

Caças

Diante dos parlamentares reunidos em um lotado Westminster Hall, a enorme sala onde o funeral da rainha Elizabeth II foi realizado em setembro, ele insistiu na necessidade de receber caças. “Peço a vocês e ao mundo palavras simples, mas muito importantes: aviões de combate para a Ucrânia, asas para a liberdade”, acrescentou.



Líder ucraniano é recebido pelo rei Charles III no Palácio de Buckingham: sinal de apoio

O Reino Unido, até agora relutante em fornecer caças Typhoon e F-35, afirmou que analisará a possibilidade, embora não a considere

imediate. “Não excluímos nada”, assegurou Sunak durante uma coletiva de imprensa que se seguiu à visita com Zelensky a um centro

militar em Dorset, no sul da Inglaterra, onde o exército treina militares ucranianos. Sunak informou, ainda, que os tanques britânicos Challenger 2, prometidos por Londres, estarão operacionais “no mês que vem” em solo ucraniano.

O discurso foi repetido no Palácio do Eliseu, antes de um jantar com Macron e Scholz. “O quanto antes a Ucrânia tiver armas pesadas de longo alcance, o quanto antes nossos pilotos tiverem aviões, mais rápido essa agressão russa terminará e seremos capazes de retornar à paz na Europa”, declarou.

Macron disse a Zelensky que a França está “determinada a ajudar a Ucrânia até a vitória” e pronta para continuar com o envio de armas. Scholz garantiu que os aliados apoiarão a Ucrânia “pelo tempo que for necessário”.

A Alemanha concordou recentemente com o envio de veículos de combate e há dois dias anunciou, ao lado de Holanda e Dinamarca, a remessa de “pelo menos 100 tanques Leopard 1 A5” nos “próximos meses”. Mas outros países que tinham se comprometido parecem estar demorando-se.

Especialistas acreditam que o Kremlin esteja preparando uma ofensiva para o fim do inverno, ou início da primavera (Hemisfério Norte), com o objetivo de conquistar toda a região de Donbass, hoje ocupada parcialmente pelas forças russas.

Mapas atualizados da Rússia, incluindo áreas da Ucrânia que Moscou afirma ter anexado — Zaporizhzhia, Kherson, Luhansk e Donetsk — foram colocados à venda esta semana nas livrarias de Moscou.